

AUTOR(ES): MARÍLIA BORBOREMA RODRIGUES CERQUEIRA, KÁTIA MARIANA SOUSA, BRUNA RAFAELA DIAS SANTOS, TALITA GABRIELE PEREIRA BRITO, JULIANA DE MELO JORGE E ANNE LARA PEREIRA CLEMENTINO.

ORIENTADOR(A):

A SEGUNDA ONDA DO HIV/AIDS E A SUA MATERIALIZAÇÃO

Introdução

O Brasil tem um histórico de protagonismo no contexto da epidemia de HIV/AIDS, por desenvolver políticas que envolvem lutas contra os estigmas e preconceitos, tratamento gratuito pelo Sistema Único de Saúde – SUS, como também por disponibilizar novas terapias profiláticas como os programas Profilaxia Pré-Exposição – PrEP e Profilaxia Pós-Exposição – PEP, distribuição de preservativos, entre outras formas de atendimento pelo SUS (STEVANIM, 2017; RADIS, 2018).

Nesse contexto de exemplos, também há um conjunto de pesquisas científicas que auxiliam na luta contra o HIV/AIDS, ao oferecer elementos para subsidiar as ações políticas, como o *National HIV Biological and Behavioral Surveillance Survey*, pesquisa desenvolvida em 2009 e 2016, em formato de survey, aplicado para homens que fazem sexo com homens – HSH, em 12 capitais de estados brasileiros e financiado pelo Ministério da Saúde (KERR et al., 2018). A segunda “onda”, ou seja, os resultados obtidos no segundo ano revelaram que, embora o Brasil seja exemplar no modelo de resposta ao HIV/AIDS, houve problemas com a prevenção, indicando aumento na prevalência do vírus entre HSH, alterando de 12,1% em 2009 para 18,4% em 2016 no total de HSH, indicando aumento da incidência.

Logo, o objetivo geral deste trabalho foi descrever a epidemia de HIV/AIDS entre homossexuais masculinos, com base nos dados disponíveis no Departamento de Informática do SUS – DATASUS, nos últimos 10 anos (dados por ano fechado), e buscando verificar se a “segunda onda” do HIV/AIDS pode ser observada, em analogia ao aumento de HSH vivendo com o vírus, a partir da fundamentação teórica da vulnerabilidade (MANN; TARANTOLA; NETTER, 1993), em todo o país e nas grandes regiões.

Material e Métodos

Como expresso pelo objetivo geral deste trabalho, este é um estudo descritivo (GIL, 2008), cujos trabalhos serão referentes à série temporal de 2009 a 2018, compreendendo um período de 10 anos. Os dados foram coletados do DATASUS em julho e agosto de 2020, e os trabalhos estatísticos incluem a elaboração de proporções. Vale ressaltar que, apesar do HIV ter se tornado de notificação obrigatória a partir de 2014 (BRASIL, 2014), optou-se por utilizar os acrônimos HIV/AIDS em referência ao conjunto de dados e resultados, tendo em vista a importância do debate.

Resultados e Discussão

Os principais resultados indicam o aumento da participação dos HSH no total de casos de HIV/AIDS diagnosticados no Brasil, em homens, variando em tendência crescente por toda a série temporal pesquisada, e registrando, nos anos de corte, o aumento de 16,5% em 2009 para 18,0% em 2018. No *National HIV Biological and Behavioral Surveillance Survey* (KERR et al., 2018) também foi encontrado aumento no número de casos de HIV/AIDS entre HSH, porém, a análise do referido estudo tem por parâmetro o universo de HSH. Quando computados os bissexuais masculinos, o total cresce para 22,3% em 2009, permanecendo em 22,1% em 2018. No total de casos diagnosticados no Brasil, para o conjunto da população (ambos os sexos), os casos em HSH variaram de 10,0% do total de casos, em 2009, para 12,6%, em 2018.

Como a variável “categoria de exposição hierarquizada” tem histórico de registros deficitários (CERQUEIRA, 2011), a qualidade dos dados ora em análise foi avaliada por meio da aplicação da teoria de Chackiel (1986), utilizada para os estudos de causa básica de óbitos e na área de saúde pública. Assim sendo, a alternativa “ignorado” da variável “categoria de exposição hierarquizada”, teve média de registro na casa dos 43,4% para o período em análise, o que exige parcimônia no trabalho com os dados e nas inferências. Quando são selecionados os casos diagnosticados em homens, cruzando categoria de exposição hierarquizada com escolaridade, os percentuais alteram-se: em 2009, uma parcela de 23,6% eram homossexuais e, em 2018, aproximados 35,6%; somando-se os bissexuais, a participação no

total cresceu de 32,1% em 2009 para 44,0% em 2018, com tendência crescente em toda a série (15,4% e 11,5% de informações ignoradas em, respectivamente, 2009 e 2018). Para esse conjunto de dados, o movimento de aumento no número de HSH é simultâneo à melhoria nos registros e na diminuição na proporção de homens heterossexuais diagnosticados com HIV/AIDS: alterando de 44,8% em 2009 para 41,2% em 2018. Embora possa ter o efeito “melhor registro de dados”, a variação encontrada nas duas categorias de exposição hierarquizada sugere o aumento no número de HSH vivendo com HIV/AIDS, corroborando a ideia central dos achados de Kerr et al. (2018), no tocante ao aumento de casos em HSH, pois a categoria homossexual variou, nos anos de corte, 23,0% (positivos), enquanto a categoria heterossexual variou 33,9% (negativos). Para os dados não cruzados, as variações foram de 9,0% (positivos) e 31,5% (negativos), para homossexuais e heterossexuais, respectivamente. De todo modo, esses números instigam novas pesquisas, no sentido de entender e compreender o cenário, trazendo para o debate, inclusive, a questão do preconceito internalizado e os fenômenos como o *barebacking* (prática de sexo anal sem preservativo e com parceiros múltiplos e/ou desconhecidos) e *bug chasing* (a tentativa voluntária de contração do HIV por meio do sexo desprotegido com homens que vivem com o vírus) (NUNAN, 2010).

As análises contemplaram, também, dentro do contingente de homossexuais masculinos, as faixas etárias. No grupo de jovens – pessoas de 15 a 24 anos de idade, foi observado movimento crescente de 2009 a 2018 no total de casos diagnosticados de HIV/AIDS em relação ao total, com pontos de corte de 14,3% em 2009 e aumentando para 24,1% em 2018. O limite de corte superior para o conceito de jovens, deste estudo, foi 24 anos, para fins de comparação com o *survey* de Kerr et al. (2018), ou seja, de 15 a 24 anos. Entre as demais faixas etárias, o grupo de 25 a 29 anos, somando proporções na média de 22,9% na série temporal, em 2009, foram 21,5% e, em 2018, 25,1% do total diagnosticado em HSH, registrou movimento de menor celeridade que o grupo de jovens, cuja variação foi superior, confirmando a semelhança com o cenário da “segunda onda do HIV/AIDS”.

No que se refere à vulnerabilidade dos HSH, foi analisado um único aspecto teórico, com a utilização dos dados de escolaridade, como *Proxy* para “informações sobre HIV/AIDS” e, para fins comparativos, foi definido o grupo “mais escolarizado” como “aqueles indivíduos com curso médio completo e/ou superior incompleto e completo”. Nessa perspectiva, entre os casos diagnosticados de HIV/AIDS em HSH, esse grupo “mais escolarizado” registrou 59,7% do total, em 2009, subindo para 75,1% em 2018. O total de casos diagnosticados em homossexuais masculinos, ou HSH, em relação ao total de homens “mais escolarizados”, variou de 41,4% em 2009 para 52,7% em 2018, revelando o recrudescimento da epidemia de HIV/AIDS em HSH mais escolarizados. Os HSH com até o ensino fundamental correspondem a 30,0% do total de casos diagnosticados em HSH, em 2009, e a aproximados 17,0% em 2018. A análise desse resultado com fundamentação no arcabouço teórico da vulnerabilidade exige novas pesquisas e com um rol diversificado de variáveis e aspectos, por revelar um maior número de casos de HIV/AIDS em HSH com maior escolaridade.

Por fim, o movimento da epidemia nas grandes regiões brasileiras, no grupo de HSH, está apresentado na Tabela 1. É possível observar a tendência de interiorização e pauperização da epidemia, quando o HIV/AIDS se espraia para o interior e para as regiões com menor nível de desenvolvimento socioeconômico, como já registrado em outros trabalhos (BASTOS, 2006; GRECO, 2016). As regiões Sudeste e Sul, onde surgiram os primeiros casos do vírus, registram variação negativa, ao passo que as demais, em tendência crescente na série temporal em estudo, revelam variações substantivas, acima de 25%. Contudo, a proporção de casos diagnosticados de HIV/AIDS em HSH, no Sudeste, em relação ao total das regiões, é significativa, perfazendo 46,1% do total de casos em HSH. Em relação aos totais de casos diagnosticados na população, em geral, os HSH perfazem, aproximados, 9,5% do total de casos, no Norte; 11,1% no Nordeste; 15,4% no Sudeste; 10,4% no Sul e 14,3% no Centro-Oeste.

Considerações finais

Conclui-se que, assim como o *National HIV Biological and Behavioral Surveillance Survey* registrou o aumento na prevalência de HSH vivendo com HIV/AIDS, há tendência de crescimento na proporção de casos diagnosticados em homossexuais masculinos no total de casos diagnosticados em homens e no total geral da população, permitindo inferir que a “segunda onda do HIV/AIDS” se materializa no país e nas suas grandes regiões.

Agradecimentos

À equipe da Pró-Reitoria de Pesquisa e à equipe organizadora do FEPEG.

Referências

- BASTOS, F.I. *Aids na terceira década*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro de Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Portaria GM/MS nº 1.271*, de 06 de junho de 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html. Acesso em: Out 2019.
- CERQUEIRA, M. B. R. Idosos e HIV/AIDS: algumas considerações sobre a epidemia no estado de Minas Gerais e Brasil. *Unimontes Científica*. Vol.13, n. 1/2, p. 37-48, 2011.
- CHACKIEL, J. *Studies of causes of death in Latin America current situation and future perspectives*. Siena: International Union for the Scientific Study of Population; Institute of Statistics University of Siena; 1986.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6 ed., São Paulo: Atlas, 2008.
- GRANGEIRO, A. et al. UNGASS-HIV/Aids: balanço da resposta brasileira, 2001-2005. *Revista Saúde Pública*. São Paulo: USP, 40(Supl), 2006.
- GRECO, Dirceu Bartolomeu. Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015. *Revista Ciência & Saúde Coletiva* [online]. Rio de Janeiro: 2016, vol.21, n.5, pp.1553-1564.
- MANN, J.; TARANTOLA, D. J. M.; NETTER, T. W. (org.) *A aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, ABIA, UERJ; 1993.
- NUNAN, A. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicol. Argum.* Jul./set., 28(62), 247-259, 2010.
- STEVANIM, L. F. PrEP no SUS. *RADIS*, 178, Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 2017.

Tabela 1 – Proporção (%) de casos notificados de HIV/AIDS, Brasil, Grandes Regiões Homossexuais masculinos

Região	2009	2018	Variação %
Norte	5,4	9,3	70,7
Nordeste	15,4	21,2	37,8
Sudeste	55,4	46,1	-16,9
Sul	17,2	15,0	-12,7
Centro-Oeste	6,6	8,5	28,4
Total	100,0	100,0	-

Fonte dos dados básicos: DATASUS (acesso em julho de 2020, elaboração própria).